

## **A ARTICULAÇÃO TEÓRICO-AFETIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E A PEDAGOGIA FEMINISTA**

Renata Nasinhaka<sup>1</sup>; Márcia Alves da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [renata.nasinhaka@gmail.com](mailto:renata.nasinhaka@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [profa.marciaalves@gmail.com](mailto:profa.marciaalves@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta uma análise preliminar do material produzido no âmbito do Estágio em Docência II, realizado no primeiro semestre de 2025, junto ao curso de Pedagogia noturno da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPEl). O corpus da análise são cartas manuscritas de caráter (auto)biográfico, elaboradas pelas estudantes como atividade avaliativa da disciplina “Escola, Cultura e Sociedade VIII”. A proposta pedagógica da disciplina teve como eixo central os estudos de gênero, as teorias feministas e a promoção de uma reflexão crítica acerca das relações entre gênero e docência, favorecendo processos de subjetivação, reconhecimento e elaboração identitária das futuras professoras.

A escolha metodológica por trabalhar com cartas (auto)biográficas partiu da concepção de que as narrativas de si constituem potentes ferramentas de reflexão e reconhecimento identitário, especialmente no campo da formação docente. Ao escreverem sobre suas histórias, experiências e percepções, as estudantes não apenas revisitavam suas trajetórias pessoais, mas também articulavam essas vivências com os conteúdos teóricos da disciplina, abrindo espaço para identificar os atravessamentos de gênero, classe, raça e território em suas constituições subjetivas.

Neste contexto, o principal objetivo foi conhecer a narrativa das histórias de vida das estudantes por meio da produção das cartas (auto)biográficas e perceber como elas significam suas experiências formativas a partir da interlocução com os estudos de gênero e à docência. Além de propor um momento íntimo e reflexivo no qual cada uma tem a possibilidade de visitar suas memórias, compreender as experiências que atravessam sua escolha profissional e identificar quais potencialidades podem (devem) ser incorporadas a sua prática docente.

A relevância desta pesquisa reside na aposta teórico-afetiva que sustenta a escuta atenta às subjetividades, a valorização das experiências concretas e o enfrentamento dos mecanismos de silenciamento e normalização ainda operantes nos espaços educativos. Em diálogo com autoras como bell hooks (2017), Joan Scott (2019), Luz Maceira Ochoa (2008) e Marie-Christine Josso (2004), defende-se que práticas formativas fundadas no afeto, na escuta, na narrativa e na sensibilidade crítica possibilitam rupturas com modelos mecanicistas, androcêntricos e autoritários de ensino, fomentando pedagogias feministas e populares comprometidas com a transformação social. A perspectiva biográfica proposta por Josso (2004) permite compreender os processos formativos como trajetórias de significação em que as sujeitas resgatam, reinterpretam e reorganizam suas experiências à luz de projetos singulares e coletivos.

### **2. METODOLOGIA**

A proposta deste estudo contempla a perspectiva teórico-metodológico das pesquisas (auto)biográfica. E o material produzido é composto por três cartas manuscritas elaboradas pelas estudantes, ao longo do primeiro semestre letivo de 2025, como parte das atividades avaliativas da disciplina “Escola, Cultura e Sociedade VIII”, vinculada ao 8º semestre do curso de Pedagogia noturno da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPEl). As cartas foram escritas em sala de aula, em três momentos distintos, sempre antecedidas por um diálogo introdutório sobre o tema, o objeto da escrita e a/o(s) destinatária/o(s) da carta. A proposta teve como objetivo central a articulação entre vivências pessoais e os conteúdos teóricos discutidos na disciplina, fomentando a reflexão sobre gênero, docência e identidade.

A primeira carta foi escrita no dia 29 de maio de 2025 e teve como tema central a infância e a escolarização. As estudantes foram orientadas a escrever uma carta para alguém no futuro (pessoa fictícia ou real) compartilhando memórias, histórias e vivências dessa fase da vida. Observou-se um envolvimento afetivo significativo com a proposta, evidenciado na escolha das/os destinatárias/os, pois a maioria das estudantes destinou suas cartas para familiares, como por exemplo, filhas/os, netas/os, sobrinhas/os ou entes queridos falecidos, como por exemplo, mães ou avós. O exercício permitiu uma articulação entre passado e futuro em uma escrita no presente, mobilizando recordações escolares, vínculos familiares e imagens sensíveis da infância. O destaque esteve na intencionalidade do endereçamento, que funcionou como elo entre a memória e o desejo de partilha.

A segunda carta foi escrita no dia 17 de julho de 2025 e teve como ponto de partida a pergunta: “Por que escolhi ser professora?”. As estudantes foram orientadas a destinar sua escrita à primeira professora que tiveram, considerando o impacto simbólico e afetivo que essa figura costuma exercer na trajetória formativa. A proposta consistia em relatar a essa professora as motivações que as levaram a escolher a docência como profissão, resgatando, sempre que possível, alguma memória significativa da época em que conviveram com ela.

A atividade revelou-se um exercício importante de reflexão sobre a escolha profissional. Muitas estudantes relataram, em sala de aula, o quanto a escrita provocou lembranças e resgatou afetos, bem como a necessidade de elaborar um olhar mais consciente sobre suas trajetórias. Curiosamente, algumas participantes não se recordavam do nome nem da imagem de sua primeira professora. Diante dessa lacuna, buscaram resgatar em suas memórias a figura docente mais antiga de que se lembravam. E ainda, uma das estudantes por ter passado por múltiplas transferências escolares na infância, optou por construir a narrativa com base em diferentes professoras, não conseguindo fixar uma lembrança única ou positiva daquele período.

E, a terceira carta foi escrita no dia 14 de agosto de 2025 e teve como destinatárias as professoras da disciplina, a docente responsável pela disciplina, Profa. Dra. Márcia Alves e a autora deste artigo, enquanto estagiária. A proposta consistiu em narrar um momento da trajetória de vida no qual as estudantes perceberam um atravessamento de gênero e refletir sobre essa vivência à luz das discussões teóricas desenvolvidas ao longo da disciplina. Esta foi a carta que demandou maior esforço reflexivo das estudantes, e coincidiu com o encerramento do semestre, período em que muitas estavam sobrecarregadas com outras demandas acadêmicas. Informalmente, observou-se que diversas estudantes expressaram dificuldades em se concentrar na tarefa, mesmo reconhecendo sua relevância. Ainda assim, a maioria conseguiu desenvolver a proposta. Um ponto

que se destacou foi o fato de duas estudantes relatarem que nunca haviam identificado situações de discriminação ou opressão de gênero em suas trajetórias. Tal afirmação provocou surpresa, sobretudo considerando a densidade temática da disciplina. Essa negação do atravessamento de gênero pode ser interpretada como um indicador das resistências e barreiras existentes no processo de conscientização crítica, especialmente quando se trata da nomeação de opressões historicamente naturalizadas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise das três cartas (auto)biográficas evidenciou a potência da escrita narrativa como recurso formativo sensível e crítico na constituição da identidade docente. Na primeira carta, observou-se o predomínio de vínculos afetivos com figuras familiares e escolares, revelando como a infância e a escolarização são mobilizadas como marcos significativos na construção da memória e do pertencimento. A segunda carta permitiu o resgate de experiências escolares fundantes e a reflexão sobre a escolha profissional, com destaque para a evocação simbólica da “primeira professora” como figura estruturante, ainda que, em alguns casos, marcada pela ausência ou fragmentação da lembrança. Já a terceira carta demandou maior densidade reflexiva, ao convocar as estudantes a nomear atravessamentos de gênero em suas trajetórias, à luz dos referenciais críticos trabalhados em sala. Essa proposta, embora desafiadora, provocou deslocamentos importantes, tanto para aquelas que reconheceram experiências de opressão quanto para as que afirmaram nunca terem vivenciado opressões de gênero, revelando possíveis resistências subjetivas à nomeação de desigualdades estruturais.

No conjunto, os resultados apontam que a prática da escrita (auto)biográfica, quando articulada a uma pedagogia feminista e à escuta atenta das subjetividades, constitui um caminho fecundo para o exercício da consciência crítica, para a elaboração de sentidos sobre a docência e para a problematização das normatividades que atravessam a formação de professoras.

### **4. CONCLUSÕES**

As experiências analisadas neste trabalho evidenciaram o valor formativo das práticas narrativas (auto)biográficas na formação docente, especialmente quando articuladas aos referenciais teóricos dos estudos de gênero e a pedagogia feminista. Ao mobilizar a escrita de cartas em diferentes momentos do semestre letivo, foi possível promover espaços de reflexão, de escuta e de crítica sobre as marcas que atravessam as histórias de vida das mulheres, enquanto futuras professoras, evidenciando as marcas de gênero, classe, raça, território e memória.

A análise das três cartas revelou não apenas a potência pedagógica da escrita como (re)conhecimento de si, mas também os desafios implicados na nomeação das violências simbólicas e das opressões naturalizadas. Se, por um lado, emergiram narrativas densas e sensíveis, por outro, também vieram à tona silenciamentos, resistências e lacunas que revelam o quanto o processo de conscientização é gradual.

Neste sentido, a proposta metodológica fundamentada na escrita de cartas (auto)biográficas, quando aliada a uma abordagem teórico-afetiva comprometida com o enfrentamento das desigualdades e com a valorização das subjetividades,

demonstrou-se um caminho potente para a construção de uma prática pedagógica feminista. As cartas escritas pelas estudantes não apenas comunicaram experiências, mas também produziram deslocamentos, abrindo possibilidades para que a formação docente seja compreendida como um processo afetivo, político e sensível.

Por fim, este estudo reforça a importância de integrar práticas educativas que reconheçam a pluralidade das trajetórias formativas e que apostem na escuta, na memória e no afeto como dimensões estruturantes da docência. O desafio que se coloca é o de continuar cultivando espaços nos quais seja possível narrar, refletir e transformar, reconhecendo que o ato de contar a própria história é revolucionário.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. Uma experiência formadora: a abordagem biográfica como metodologia de pesquisa-formação. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**: pedagogía feminista: una propuesta. México, Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

OCHOA, Luz Maceira. **Pedagogía feminista y educación para el cambio social**. In: REY, Marina Sancho; PUIGGRÒS, Adriana. Educación y género en América Latina. Barcelona: Paidós, 2008. p. 117-134.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Heloisa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49 – 81.